

revista

bulunga

maio de 2023 - número 17



entrevistado do mês

ALFRED E. NEUMAN

EDITORIAL

Morreu Rita Lee. Mas não quero falar sobre esse assunto nesta revista, pois os veículos de comunicação, geralmente, se alimentam da morbidez, e nada melhor do que a morte de algum famoso para que a situação seja explorada à exaustão, e se Gugu Liberato não tivesse morrido, a esta hora já estaria na porta da casa dela, entrevistando parentes, mesmo os mais distantes, que nessas horas adoram aparecer diante das câmeras, além de empregados, vizinhos, ex-colegas de escola, o dono da mercearia do bairro, o lavador de carros da rua, gente que ela nem conhecia, tendo sempre ao fundo uma música triste, para tentar extrair algumas lágrimas dos incautos consumidores do sofrimento alheio.

Não vou falar que ela foi um ícone do rock nacional. Não vou falar das músicas "Ovelha Negra", "Mania de Você", "Doce Vampiro", "Pega Rapaz", "Banheira de Espuma", entre outros sucessos que até hoje não saem de nossas cabeças. Não vou falar de sua importante participação nos "Mutantes" (não foi a novela da Record), que faziam uns barulhos estranhos e psicodélicos, mas que abalaram as estruturas do cenário musical, citando apenas o exemplo da "Balada do Louco", que também fez muito sucesso na voz de Ney Matogrosso.

Outros artistas morrerão em breve. Não estou sendo fatalista: é apenas uma constatação. Todos esses que deixaram a sua marca no cenário do rock, do pop e da MPB nacional estão muito velhos. Perdemos há pouco tempo Gal Costa, Moraes Moreira e já tinham nos deixado, há mais tempo, Belchior, Tim Maia, Renato Russo, Cássia Eller, Cazuza, Chico Science, entre outros. Muitos dos que sobraram já estão na casa dos 80. Não houve renovação. Hoje temos Anitta, Luiza Sonza, Mc Guimê, Jojô Todinho, Ludmila, Mc Pipoquinha, Manoel Gomes, todos no mesmo nível, e que nem de longe podem ser chamados cantores.

Rita Lee vai fazer falta. Mas não vou falar sobre isso.

INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

Nos dias atuais, não se fala em outra coisa que não seja Inteligência Artificial e carros elétricos. Juntando os dois, teremos carros elétricos inteligentes que decidirão se nos levarão onde quisermos ir, pois na maior parte das vezes poderá ser desnecessário sair de casa. Afinal, as pessoas costumam zanzar pelas cidades sem precisar, gastando tempo e combustível, além de provocarem incômodos congestionamentos. Fazer compras para quê? É só pedir para a inteligência artificial que ela providenciará tudo, inclusive o pagamento e a entrega. Encontrar com os amigos para um happy-hour? Usem a videoconferência: cada um permanecerá em sua casa, utilizando um telão de 65 polegadas, todos se divertindo, comendo e bebendo o que quiserem sem precisar bancar a conta de algum folgado ou ter que levar bebum para casa. Namorar? Nem pensar. Pode acabar em casamento. E depois virá o divórcio, a divisão dos bens, sem esquecer as enormes despesas com advogados. Academia, restaurantes, cinema, teatro, igreja, nada mais será capaz de tirar as pessoas de suas casas. Assim, não precisarão de carros elétricos. Os carros de passeio serão descontinuados. Ficarão apenas os comerciais, para transportarem os produtos de um lado para outro. E teremos também aviões e foguetes não tripulados. Mas quem produzirá todas essas coisas? As máquinas comandadas pela inteligência artificial. E na hora das pessoas "coisarem", como será? A inteligência artificial enviará um androide que corresponda aos gostos do usuário, que poderá escolher o gênero, a cor, altura, olhos, boca, cabelos e demais detalhes. Se quiser ter filhos, o aparelho recolherá amostras do sêmen e do óvulo e providenciará a fecundação e o desenvolvimento do novo ser em laboratório, e a criança nascerá livre de doenças físicas ou mentais. Mas não será nada parecido com o que se viu em filmes do tipo "Blade Runner", "O Exterminador do Futuro", "Eu, Robot", "Matrix", em que os humanos acabam sendo escravizados pelas máquinas.

Será que não?

ALFRED E. NEUMAN

Não se sabe exatamente a sua idade, o que ele jamais revela, mas considerando a sua primeira aparição na Revista MAD, em 1954, quando deveria ter algo em torno de 14 anos, podemos concluir que tenha atualmente 83 anos, ou pouco mais do que isso, o que corresponde à sua imagem atual, que veremos logo adiante.

A Revista MAD, da qual Alfred foi o seu “garoto-propaganda”, com o seu famoso bordão “What, me worry? (O quê, eu me preocupar?), fez um sucesso enorme em todo o mundo, tendo influenciado gerações com seu humor debochado, com suas sátiras de filmes, além das tirinhas e artigos variados, sempre “cutucando” a política e os poderosos, principalmente após a entrada de Al Feldstein, que impulsionou as vendas da revista, lançada por Willian Gaines e Harvey Kurtzman. A Revista MAD contou com a participação de “monstros” como Mort Drucker, Al Jaffe, Jack Davis, Wally Wood e Bill Elder, entre outros, que já devem ter passado para o lado de cima, mas o importante é que Alfred E Neuman está muito vivo e lúcido, não a ponto de conceder esta entrevista para uma revista anã como a Bulunga. Mas deixemos de lado os nossos complexos de inferioridade e vamos ao trabalho.

Bulunga – Bom dia, Alfred. É um prazer estar com você para esta entrevista. Você e a Revista MAD animaram a nossa infância e adolescência.

Alfred – O prazer é todo meu, por ainda ser lembrado. Na certa, acharam que eu havia morrido.

Bulunga – Certamente que não! Você, possivelmente, era criança quando a 2ª Guerra Mundial terminou, mas deve ter sentido as consequências dela, a criação e a queda do muro de Berlim, a ascensão do comunismo, em contraposição ao Nazismo. O que pode dizer a respeito?

Alfred – No fundo, nazismo, comunismo e capitalismo são a mesma coisa: todos levam à destruição, de um jeito ou de outro. Todos querem o poder, a qualquer custo. Não se importam com mais nada. Hitler era um ditador ridículo assim como vários outros que estão por aí, se dizendo defensores das liberdades e das minorias. Os ditadores sempre se disfarçam de libertadores.

Bulunga – Seu principal bordão “What, me worry?” mostrava um certo desprendimento quanto aos acontecimentos da época. Você ainda parece uma pessoa bastante resolvida, como o mesmo sorriso maroto no rosto...

Alfred – Realmente, de nada adianta me preocupar. As coisas acontecem no mundo independente de nossa vontade. Veja o exemplo da volta do comunismo: quem poderia imaginar? Quem poderia prever que os EUA se engraçaria com essa tendência que deu errado em todos os países por onde passou?

Até mesmo na ex-URSS e na China. Mas eles alteraram o nome. Não são mais comunistas: agora são sociais-democratas. Só que democracia não existe absolutamente nada.

Bulunga – Você acha que o restante do mundo irá aderir a essa influência?

Alfred – Não vai demorar. Já viu o que está acontecendo com a América do Sul? Praticamente tomada. A África também, quase toda a Europa e em breve a Índia e a Oceania. Falta pouco. Aí será o fim.

Bulunga – Vamos mudar o rumo da conversa, pois está ficando triste, e o nosso foco há de ser sempre o humor.

Alfred – O humor só será eficiente se falar das mazelas.

Bulunga – Mas vamos falar um pouco da sua infância. Como foi? Você sofreu muito bullying?

Alfred – (risos) Está se referindo às minhas orelhas de abano, às sardas no rosto, ao cabelo cor de abóbora e à falha no dente?

Bulunga – Não, jamais, de forma alguma...

Alfred – Estou notando uma certa ironia em sua fala. Mas vamos lá. Não conheci meus pais, mas fui criado por Harvey Kurtzman, editor da Revista Mad. Com ele aprendi muita coisa, a ter esse humor sarcástico e tóxico, antes classificado como “negro”, mas não se pode falar mais dessa forma, nos dias atuais.

Bulunga – Você fica muito chateado com os rumos que tomou o humor no mundo?

Alfred – Eu nunca poderia imaginar que isso iria acontecer. Ainda mais nos Estados Unidos da América, única nação do mundo que até então poderia ser considerada livre. Os EUA também já foram a maior nação cristã do mundo, mas agora o materialismo vazio tomou conta e a sociedade entrou em franca decadência, principalmente após o domínio de uma esquerda progressista-liberalista disfarçada de Democrata.

Bulunga – Em poucos minutos você retornou ao assunto política. Não sabia que você se importava tanto com isso.

Alfred – E não me importo. Mas muito me incomoda a imbecilização do povo. Estão todos caindo como patos nessa propaganda da Nova Ordem Mundial.

Bulunga – Você acha que essa Nova Ordem Mundial é mesmo real?

Alfred – É claro que sim. Até já fui em uma reunião deles. Lá eles usam cuecas de couro com “fio-dental” e ficam se chicoteando para depois tomarem champagne “Taste of Diamonds”.

Bulunga – Você é muito debochado...

Alfred – Verdade! Pode verificar. O problema é que os jornais e as revistas não divulgam isso.

Bulunga – Você acha que o meio jornalístico está todo “vendido”?

Alfred – Totalmente. Não há nenhuma dúvida quanto a isso. E quem não faz parte do grupo tem medo de ser prejudicado, e aí se cala.

Bulunga – Mas nós, da Revista Bulunga, não temos esse problema: por sermos tão insignificantes, não mexem com a gente.

Alfred – Por enquanto. Uma hora vão começar a aparecer e aí a coisa vai mudar completamente. Se não aderirem serão esmagados. Mas vocês podem relaxar por enquanto: comunistas não leem, pois são burros. E eles não percebem que quebrando a fonte a água não irá mais jorrar...

Bulunga – Bem, mas deixando finalmente a política de lado, quais são os seus planos para o futuro?

Alfred – Morrer. Não dá mais para fazer planos na minha idade. Tenho apenas que torcer para continuar acertando a pontaria ao mijar no vaso, a conseguir amarrar os meus sapatos e não deixar a toda a sopa cair na camisa. Mentira: tenho muitos



planos. Um deles é começar a fazer stand-up.

Bulunga – Você irá fazer o maior sucesso, pois tem muita bagagem. E humor é o que mais sobra em você..

Alfred – Eu não tenho humor: quem tem são as pessoas que me veem. Já viu quantos humoristas falam os seus textos com a cara séria e o público morre de rir? Woody Allen fazia assim. Foi o pioneiro no Stand-Up, ao menos na forma como é hoje. O humor está na percepção de quem ri. Podemos colocar o maior palhaço do mundo na frente de uma pessoa mal-humorada que ela não irá rir. Mas o pior é que o mundo está ficando mal humorado. Estamos vivendo um tempo bem parecido com o da idade média. Estamos retomando a inquisição.

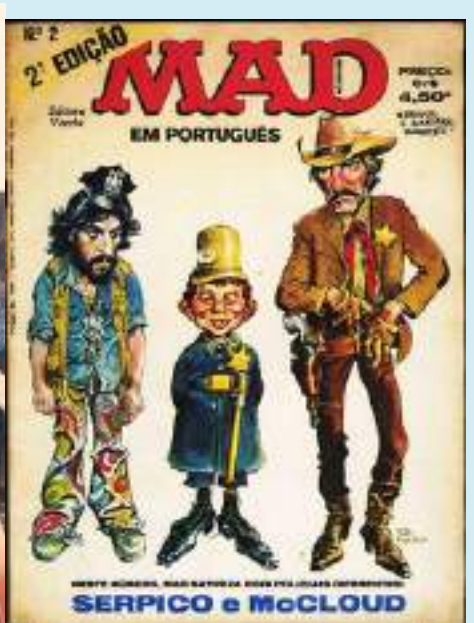
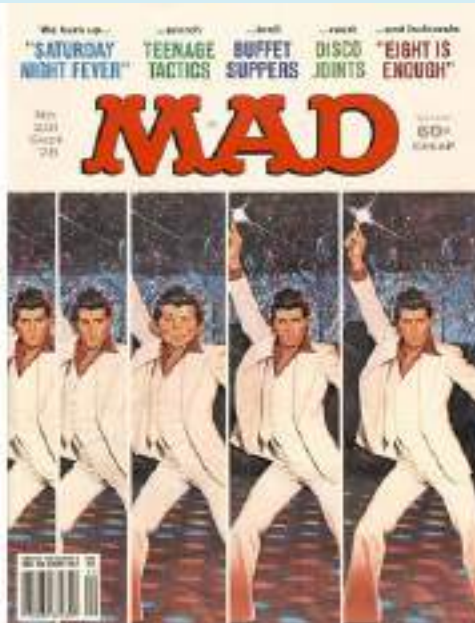
Bulunga – Você acha que a coisa está tão ruim assim?

Alfred – Basta abrir os olhos para ver. Pesadas sombras estão pairando sobre o mundo. O fim está próximo.

Bulunga – Apesar de tudo o que você falou, o que nos deixa bastante apreensivos, o que mais tem a dizer de positivo para o mundo?

Alfred – Vão se lascar!

ALGUMAS CAPAS FAMOSAS

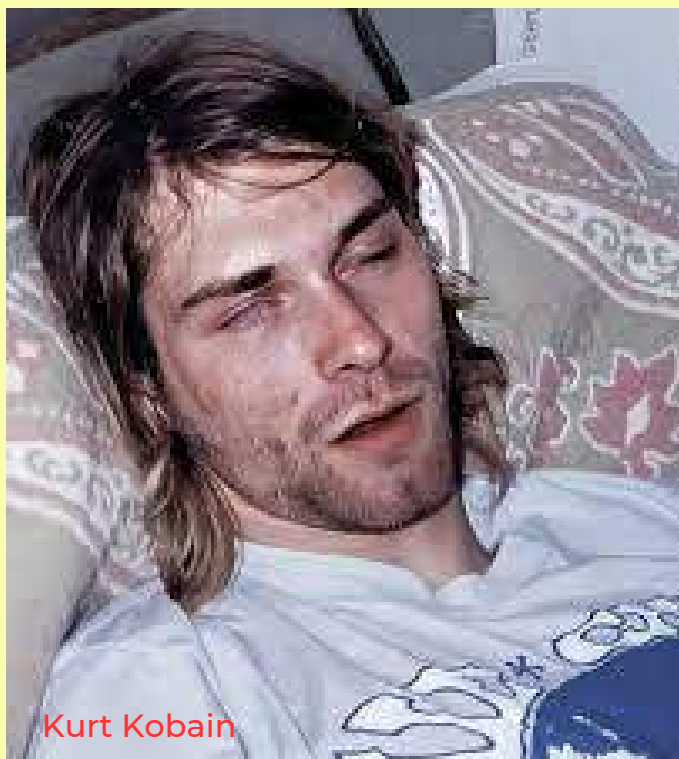


MEUS HERÓIS MORRERAM DE OVERDOSE?

por WOLF MARUN

Não sei que atração é essa que algumas pessoas sentem por seus “heróis” deprimidos. Certamente, se identificam com o vazio que eles vivem. Ou viviam. James Joplin, Jimmy Hendrix, Jim Morrison, Amy Winehouse, Kurt Cobain são apenas alguns exemplos de artistas que levaram uma breve vida de loucuras e morreram de tanto se drogarem, com exceção do último, que abreviou o seu sofrimento com o uso de uma carabina.

Um caso excepcional é o de Keith Richards, guitarrista dos Rolling Stones, que se envenenou tanto que chegou a ponto de cheirar as cinzas do seu pai, para ver se ficava mais doidão, mas ainda está vivo para contar suas loucas aventuras, e completará 80 anos em dezembro deste ano.



Kurt Cobain

O mundo é injusto, cruel, nós sabemos, mas temos que superar tudo isso para conseguirmos pagar as contas até o final do mês. O mais esquisito é que esses artistas que morreram prematuramente tinham dinheiro de sobra, poderiam comprar o que quisessem e consumir outros seres humanos sem ter que economizar, mas não estavam satisfeitos. Tudo por causa da maldita droga. Não é fácil para uma pessoa comum, cumpridora dos seus deveres, entender a cabeça dessa gente, pois se droga fosse bom, deveria ser chamada “delícia”.



Amy Winehouse



Jim Morrison



Jimmy Hendrix

Quase todos almejam a fama e o sucesso, e mesmo com absoluta falta de talento e conteúdo, buscam, sem êxito, o seu minuto da fama nas redes sociais, mas desconhecem que o mundo da fantasia em que essa gente graúda vive é povoado por gente falsa, interesseira, gananciosa, desonesta, sem caráter, maluca, muito semelhante ao que acontece no cenário corporativo, onde a competitividade se torna o antônimo de justiça e lealdade. É por isso que se refugiam nos porões da alucinação, virando uma espécie de zumbis que conduzem para o vazio uma multidão de alienados.

A vida é dura para quem é mole, já dizia um ditado popular, mas devem existir maneiras mais interessantes para se morrer. Melhor ainda é viver, de forma simples e tranquila: é o que faço nesta manhã em que escrevo esta crônica, sentado em uma espreguiçadeira, na praia, tomando uma água de coco bem gelada.



Janis Joplin



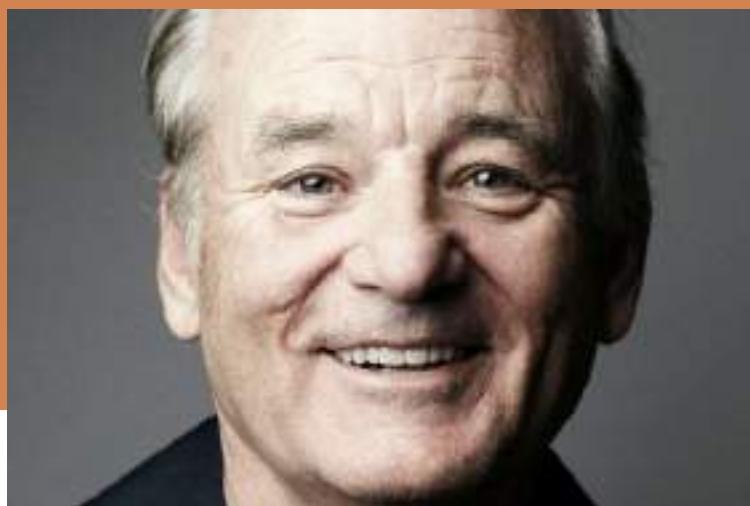
Keith Richards



BILL MURRAY

Talvez, o ator William James Murray, ou apenas Bill Murray, ainda seja lembrado pelo seu papel no filme “Os Caçafantasmas” (Ghostbuster), de 1984, que já passou um milhão de vezes na TV e que pode ser visto facilmente no Youtube. No elenco, Dan Aykroyd e Harold Ramis, mas tinha também a Sigourney Weaver, que fez muito sucesso com o filme “Alien, o 8º Passageiro” (1979).

Mas quem se destacou mesmo foi Bill, que emplacou sucessos em comédias como “Nosso Querido Bob” (1991), “O Feitiço do Tempo” (1993), “A Vida Marinha de Steve Zissou” (2004), “Zumbilândia” (2010), “Moonrise Kingdom” (2012), “O Grande Hotel Budapeste” (2014), entre outros, sem que nos esqueçamos de sua participação na série “Saturday Night Live” (1977-1980), que o lançou ao estrelato, mas o destaque vai para “Encontros e Desencontros”, de 2003, que não é necessariamente uma comédia, que lhe rendeu uma infinidade de prêmios, co-estrelado por Scarlett Johansson e dirigido por Sofia Coppola (que recebeu o Oscar de melhor roteiro original).



Neste charmoso filme, que se tornou “cult”, com fervorosos fãs que não se cansam de revê-lo incontáveis vezes, como este saudoso comentarista, Bill encarna o papel de Bob Harris, um ator de meia-idade que vai a Tóquio participar da campanha publicitária de uma marca de whisky, e lá encontra Charlotte, uma jovem entediada, vivida pela ainda iniciante atriz Scarlett Johansson, que enfrentava problemas em seu recente casamento com um fotógrafo de celebridades que a “esqueceu” em um quarto de hotel.





Os personagens compartilham sua desolação, desenvolvendo uma amizade estranhamente pura, capaz de preencher por alguns dias o tédio e a solidão que ambos viviam naquele momento, com direito a dois selinhos ao final, não mais do que isso.

Tive a oportunidade de estar frente a frente com ele, anos atrás, em Nova York, na porta do Park Central Hotel, em uma noite nevada. Foi grande a vontade de tirar uma foto ao seu lado, mas não quis incomodar, mesmo parecendo que aceitaria sem maior resistência, pois passou a impressão de que era, realmente, um cara simpático, e conversava animadamente com as pessoas que se aproximavam dele.



Ele também é considerado um cara legal por seus colegas de trabalho, apesar de responder a recente processo por assédio sexual, por uma funcionária da produção do filme “Being Mortal”, o que teria lhe subtraído US\$ 100 mil, em acordo firmado entre as partes, mesmo diante da justificativa de que tudo não teria passado de uma brincadeira inapropriada, que antigamente seria considerada engraçada: em um intervalo de filmagem, ele “rolou” sobre a moça, em uma cama onde estavam sentados, impossibilitando-a de se levantar, e beijou seu corpo. Isso teria sido feito na frente de um monte de colegas, causando constrangimento.



Por conta disso, o filme foi suspenso e talvez nunca mais vejamos um novo trabalho com o ator, pois o politicamente correto toma conta dos estúdios de Hollywood, no que diz respeito a atitudes consideradas “machistas”, mas que exalta e cultua a homoafetividade.

Esta não é uma crítica às tendências mundiais, mas a constatação de que estamos perdendo a noção do humor.



Olha o humano
achando que
vai viajar
e me deixar
sozinho!
Faz isso não!
Vai ler um
livro, que
eu fico no seu
colo!

seboearte.com

PERDI O LIVRO!
E AGORA?



Vai lá!
seboearte.com



SELOS DE VAPOR

um conto de **Jorge F. Isah**

- Ora, ora! O que pensa estar fazendo? – Disse-lhe o guarda.

O homem passou a mão esquerda pela frente, retirou o excesso de suor, a camisa estava-lhe colada às costas, ensopada adiante e por detrás, o calção com um enorme “V” empapado à frente e algo quase tão grande nas nádegas... No calor inclemente do sol a pino ele quase não conseguiu sustentar o fôlego. Respirou fundo, uma, duas, três vezes, arfando sôfrega e profundamente, a retirar o máximo possível de ar ao seu redor, antes de responder:

- Não está vendo?!! – Não foi uma explicação, propriamente, mas uma reação com ares de zeugma, hipérbato ou o raio que o parta.

- Claro que estou vendo... só não entendi a razão do porquê estou vendo... – Uma ponta de sarcasmo era visível.

- A razão?!... Qual a razão?!! – Disse histérico o homem

- A razão é o preconceito, a injustiça e o racismo estrutural presente neste maldito lugar.

O guarda colocou as mãos no coldre, pronto para retirar a arma de choque, temeroso do comportamento agressivo e intempestivo do interlocutor após uma sequência de sons agudos, estridentes e irregulares, em suas descidas e subidas abruptas... Havia um tanto de estranhamento e desconexão, e levou-o a pensar no mínimo em nervosismo e certo desequilíbrio emocional.

- Não entendo... – Disse por fim.

- Não entende?... O que não entende?... Diga!

- O que isso tem a ver (e apontou o lugar onde o homem estava) com racismo e preconceito?

- Tudo!! – O homem demonstrou-se confiante e decidido.

- Tudo o quê?

- Não se faça de bobo ou desentendido... Sabe do que estou falando!

- Não sei, não! Explique-me...

O homem apoiou-se à beira do barranco e, em um pulo, colocou-se ao lado do guarda. Limpou as mãos nas calças tão ou mais sujas do que elas, bateu a poeira do corpo, pigarreou e prosseguiu:

- Não acredito! Santa ignorância!... É por isso que este país não vai para a frente, não evolui, porque cada dia mais as pessoas se sujeitam às amarras do patriarcado e do fascismo... São prisioneiras de uma estrutura gananciosa, egoísta e intolerante que tira tudo de melhor delas e deixa apenas o bagaço para contentá-las...

- Tá, tudo bem! Mas o que isso tem a ver com você estar aqui?

- Quero reparar essa injustiça!... É preciso restabelecer a ordem das coisas e fazer as pessoas perceberem o quanto estão enganadas, o quanto o seu direito tem sido roubado, o quanto estão à margem da sociedade, tratadas como lixo, como cidadãos de quinta classe... Sou quem se levanta para ajudar o pobre e o oprimido, o fraco e o debilitado, o homem, a mulher, a criança, a natureza, os espíritos iluminados, e vou mostrar a verdadeira face do colonizador, do opressor, do fascista, e lhes darei de presente uma bala na cabeça, na dele, na mulher dele, nos filhos deles, em seus pets e incendiarei suas casas, saquearei suas contas, tomarei o que ele ganhou sem nada produzir e distribuirei aos miseráveis, aos homens e mulheres de cor, sem cor, de camisa, sem camisa, calçados e descalços, serei por eles salvador, juiz e carrasco, a fim de reparar as injustiças e trazer a paz com as minhas próprias mãos.

O segurança encarou o homem, deu dois passos para trás, e permaneceu com a mão no coldre, enquanto o homem olhava fixamente as palmas.

- Vou perguntar a última vez: o que está fazendo aqui? E por que disso?

- Você é burro, surdo ou está do lado deles? – Transpirava indignação.

- Não sei do que está falando. Só sei que esta é uma propriedade privada e você a invadiu sem autorização.

- E quem disse que preciso de autorização?... Isso é do povo, do povo, entendeu!... Ninguém tem o direito de impedir um cidadão de entrar e sair de onde queira ficar ou não ficar...

- Para com esse papo de maluco!... Junte as suas coisas e caia fora! – Disse, dando outros dois passos para trás.

O homem sentou-se no gramado ralo, entremeado pelo vermelho da terra. Apanhou com a mão um punhado dela e estendeu-a.

- Vê isso?... É o sangue e suor de milhares de homens que trabalharam aqui sem uma compensação, sem qualquer reconhecimento... Estou aqui para homenageá-los, para resgatar as suas memórias e para permitir que todos, daqui em diante, possam usufruir daquilo que lhes foi arrancado injustamente.

- Olha, se continuar com essa maluquice, esqueço quem sou e lhe dou um “teco” com isto! – Bateu com a mão na arma.

- Você é um canalha, fascista e lacaio do patriarcado!... Um machista sórdido e nojento! – Cuspiu aos pés do segurança, uma saliva seca e difusa.

- O que pretende, afinal?... Mas sem doidera, porque a minha paciência está acabando... – Sôfrego, apontou-lhe o dedo, como a cutucá-lo, exigindo uma justificativa.

- Cavo este buraco para a posteridade, quando todos finalmente entenderão as razões do meu sacrifício, e por um gesto levarei a humanidade à plenitude igualitária, identitária, humanitária, previdenciária e funerária... Todos saberão que somos iguais, com os mesmos direitos, e exigirão, um a um, a sua parcela no futuro, onde não haverá altos e baixos, gordos e magros, negros e pardos, trabalhadores e escravos, servos e senhores... Apenas uma alma, um ente, coletivo, indivisível, unitário e proletário...

Perdeu-se em suas divagações, enquanto o guarda acionou o rádio e pediu reforço. Manteve a sua posição, em estado de alerta, enquanto ouvia o homem inflamado, contagiado pelo próprio discurso, levantar-se e andar de um lado para outro, braços enfáticos, olhos vidrados, o suor a secar-se em suas roupas, o grande "V" se desfazendo à frente e atrás, enquanto ao longe as luzes da patrulha piscavam intermitentes.

- O que foi?!! – Acordou do transe e voltou-se na direção das luzes e do som do carro em movimento – Seu covarde! Genocida! – Partiu para cima do segurança, e este imediatamente sacou a arma e deferiu o choque que lançou o homem ao chão. Entre os tremores e gemidos, levantou-se preso aos fios, obrigando o segurança a aumentar a potência da arma, lançando o eletrocutado para trás, para dentro do buraco antes cavado, enquanto outros colegas se aproximavam.

- O que esse louco estava pensando? – Disse um deles, e colocou a mão no ombro do atirador.

- Sei lá! Ficou a falar maluquices sobre racismo, injustiça, e de ser o salvador de alguém ou algo que não pude entender.

Alguém havia descido ao buraco e tomado o pulso do homem, depois algemou-o. - Está bem, grogue, mas se recuperando.

No dia seguinte, após a declaração do delegado, o indiciamento do guarda por tentativa de homicídio, a sua prisão preventiva, e a liberdade do invasor, a mídia declarou aos quatro ventos o heroísmo daquele homem, exemplo de democrata e de democracia, disposto a sacrificar-se em prol do bem-estar, da igualdade e fraternidade entre os povos, ainda que não conseguissem dizer, de forma clara e evidente, quais foram os esforços e os sacrifícios realizados além de furar um buraco no cemitério. Na verdade, o buraco já havia sido furado para alojar um defunto, cujo enterro se daria horas após o homem introduzir-se na cova e continuar o trabalho de ampliá-lo.

Segundo se pode apurar, o objetivo era instalar-se nele, revelando ao mundo o quão reacionária, hipócrita, desleal e autoritária era a sociedade patriarcal, capitalista, cristã e racista, ao não dispor de túmulos para os proletários, os sem tetos, os negros, gays, indigentes e aculturados, não pertencentes às tribos, guetos, nem castas ou classes, pois pessoas são pessoas, ele disse diante das câmeras e holofotes e microfones, e queria mostrar que mesmo um

excluído e oprimido como ele poderia ser enterrado em um cemitério de ricos, poderosos e inescrupulosos homicidas, feminicidas, infanticidas e naturicidas. Não havia igualdade na vida, quanto mais na morte, sentenciou ao final da declaração: para isso, estou aqui!

Dois dias se passaram, e qual não foi a surpresa quando um coveiro, ao aproximar-se de uma escavação desconhecida, encontrou aquele homem com um cartaz preso ao peito, morto, os braços cruzados em forma de "X", e um vidro vazio acima do ombro esquerdo. Leu as letras meticulosamente preenchidas, lineares, tais quais a manchete de um jornal:

"Morri, contra a injustiça e pela vida"

Após acionar a polícia e o camburão retirar o homem, depois da autópsia e de ninguém reclamar o corpo, foi enterrado no cemitério público, com honras de indigente, sem alma viva além dos dois coveiros. E eles não esmerilharam na deferência, enquanto cantavam funk e assobiavam pagode, certos de, em breve, retornarem para desocupar o lugar e instalar outro defunto.



Clodokill

Fernandes

Algumas pessoas dizem que estou ficando piegas... Não sei se é verdade, mas ultimamente tenho me pegado limpando uma lágrima furtiva aqui e acolá, ou esfregando os olhos marejados, e quando me perguntam o que foi, digo: “É alergia...”.

Sempre mantive a pose de durão, machão (não confunda machão com machismo, pois apesar de ambas derivarem do termo “macho” ou seja, o oposto da fêmea, mas há quem não acredite, não têm o mesmo sentido; mas não serei eu a ensiná-lo), e deixava os momentos de sensibilidade para o travesseiro ou o espelho no banheiro, afinal, macho que é macho não chora em público nem se deixa derreter em frente das pessoas. Ainda assim, talvez por conta dos anos chegando, as coisas simples da vida têm me embevecido, emocionado, e vez ou outra me vejo naquele choro alegre de felicidade, compaixão ou empatia. Pode ser o Concerto No. 2 de Rachmaninoff, a Quinta Sinfonia de Beethoven ou a Quarta de Tchaikovsky; o céu azul de brigadeiro, um canteiro de flores, uma ameixa saborosa; um livro de Mishima, Dostoiévski, Faulkner ou Tolstói; um filme clássico ou o olhar cúmplice da minha esposa... ou mesmo uma das muitas tragédias diárias, cada vez mais a tornar o espectador em mero audiente, quase um bloco de mármore empedernido. Sei, muitos dirão que estou ficando frouxo, amarelado ou metido a frescuras. Outros especularão do meu orgulho, vaidade e propensão a me fazer superior e bom moço. Pode ser, mas não é. Ao menos, espero que não seja. Porque se for... você já sabe... Rá, rá, rá!... Sabe nada, inocente!

Tudo isso me remete a Deus, a inundar-nos com fontes e fontes de prazer e alegria para os sentidos, a mente e o espírito. Alguém pode alegar Deus não ter nada a ver com isso, pois são produtos da natureza e da genialidade humana. Tolinho! Quando o homem se mete a fazer coisas por si mesmo, sabemos muito bem no que dá: funk, guerras, berimbau, torcidas organizadas, ideologia de gênero, tráfico de drogas e leis transigentes. Sem falar em passeatas, abortos, urnas eletrônicas e máscaras descartáveis (inúteis, no geral, mas ao menos livra-nos dos feios e mal-ajeitados) e teatro de horror das tatuagens, piercing e alargadores de orelhas, silicones e regatas.

Dias desses, assisti dois filmes: *Here Today*, com o Billy Cristal, e *Indiscretion*, com Montgomery Clift e Jennifer Jones. Muitos os considerariam ultrapassados e sentimentalóides. Em ambos, a imagem central é: o amor, a despeito de todos os problemas, salva o mundo. Mas o salva de quê? De mim, de você?... Ah, acho que não, pois cultivo o cavanhaque grisalho, para desgosto da minha esposa, e você, certamente, anda a

passar com o seu “filho” de quatro patas emporcalhando as calçadas e gramados.

Diante do amor, *Here Today* (2021) e *Indiscretion* (1953) têm altas doses de amargura, sofrimento e dúvidas, quanto ao presente e ainda mais quanto ao futuro.

Montgomery Clift e Jennifer Jones são atores infinitamente melhores do que Billy Cristal e Tiffany Haddish a despeito das boas interpretações e da química do último casal. A densidade dramática daqueles supera em muito qualquer grande estrela de hoje, salvo raríssimas exceções. No misto de dor e alegria, prazer e entejo, é possível sentir na própria pele as emoções com que ambos transbordam a tela; e a direção do italiano Vittorio de Sica contribui em muito para o desenrolar da tragédia... Não há lacração, apenas decisões e suas consequências, para o bem ou o mal. E, por essas e outras, me peguei em um ou dois momentos (ah, vá lá!, quatro ou cinco, tá bom!) a sentir como se minha a comoção do casal, especialmente Giovanni Doria (Clift) que, apesar do amor avassalador por Mary Forbes (Jones), demonstra insegurança, timidez e certo pessimismo com o desenlace da situação. Por mais que se esforce, parece-lhe inevitável a perda da amada. E mesmo assim tenta ser um herói, malfadado é verdade, para a sua cinderela.

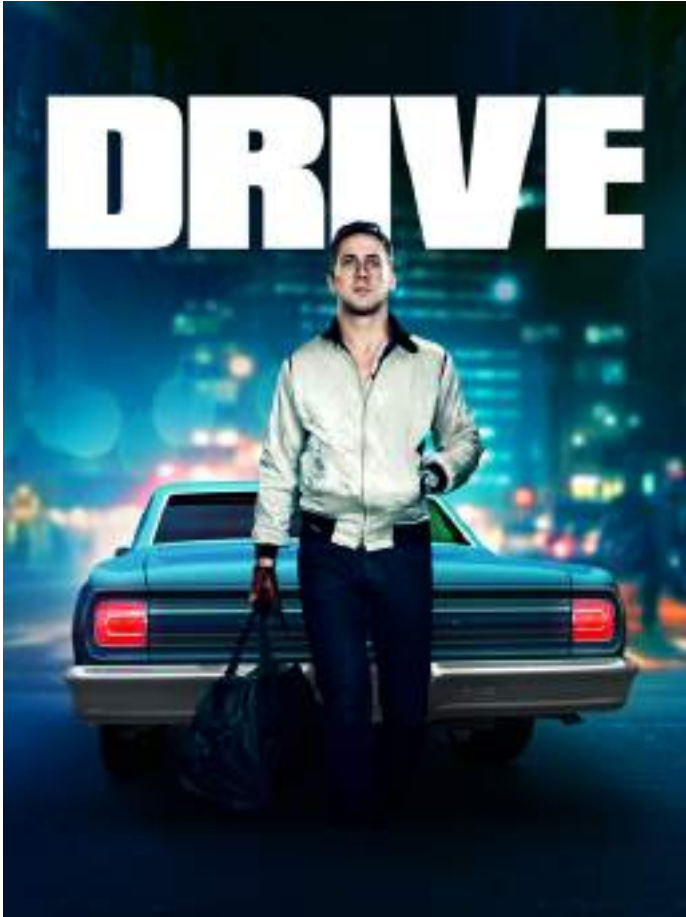
Here Today (A Vida é Agora) tem boas e corretas interpretações (Billy Cristal está muito bem, e como disse, a química com Haddish funciona), é divertido, engraçado e pode leva-lo a refletir sobre amizades, família e a vida. Parece um ponto fora da curva de Hollywood, especializada em fazer filmes voltados à NOM, à quebra dos valores tradicionais e a reconstrução social, diga-se, lacrar até o último desfecho patético. Ainda assim, *Here Today* não foge ao esquema: se for falar de Deus, insulte-o! Se for falar de Deus, fale mal! Se for falar de Deus, nunca diga nada de bom!... Além do velho chavão materialista (não é de hoje, andou a viajar por séculos, desde os primórdios gregos, mas sem muito sucesso até os últimos 150 anos, mais ou menos): a vida é aqui, e não existe nada após ela. E depois me chamam de reducionista... durma-se com tamanho barulho.

A verdade é que são dois bons filmes (70 anos de existência faz *Indiscretion* ganhar de balaiada, enquanto o mais recente será esquecido daqui uns cinco anos, se muito). Um mais completo do que outro. Mais bem dirigido do que outro. Mais bem interpretado do que o outro. Melhor argumento e enredo do que outro. E filmes preto e branco têm um charme todo especial, não é!

Se *Indiscretion* quase me fez chorar, *Here Today* não chegou nem perto. Garanto que me lembrarei do primeiro por longos anos, enquanto o segundo...

Por falar nisso, se me ver com os olhos vermelhos, marejados, um suspiro ou soluço aqui e acolá, saiba que não é o que parece... Apenas e tão somente é mais uma crise de alergia.

SPOILLERS



Eu queria falar de filme que até recebeu algumas indicações para o Oscar ou ou sei lá qual outra premiação (não sei se ganhou), mas é exatamente por isso que resolvi mencionar este filme: será que esses roteiristas acham que somos idiotas? Ou talvez seja a interferência dos produtores, com suas fórmulas nada artísticas de fazer sucesso, que mudam o enredo e fazem com que a coisa perca totalmente o sentido, principalmente o final, que, neste caso, poderia ser menos ruim?

DRIVE (não confundam com Taxi Driver) é um filme policial neo-noir de 2011, do diretor Nicolas Winding, com roteiro de Hossein Amini, adaptado do romance The Driver, de James Sallis. Ryan Gosling é um motorista, mecânico e dublê de hollywood que às noites faz bico dando fuga para ladrões. Ele era vizinho de Irene, e andava fazendo gracinhas para o filho dela para chegar na mãe, é claro, uma jogada bastante manjada e que quase sempre dá certo, e aí descobre que o marido dela está preso, mas ela está doida para se soltar. Só que a coisa não rola, porque não dá tempo: o marido sai da cadeia, fica meio desconfiado dessa amizade com o vizinho, mas imediatamente passa a ser ameaçado por bandidos que querem obrigá-lo a participar de um último assalto, e aí o nosso herói resolve ajudá-lo, para que não envolva Irene e o filhinho na jogada. É claro que o marido da ou-

tra morre no assalto, mas o motorista fica com a grana toda dentro do carro. Em vez de pegar a vizinha e o filho e partir para as Bahamas e curtir uma praia legal, o cara resolve ficar honesto da noite para o dia e entra em contato com os bandidos para devolver o dinheiro. Mas os bandidos são do tipo de bandidos que não levam desaforo para casa e saem matando um monte de gente que participou do assalto, pois descobre-se que havia outras bandidas no meio, tipo um roubando o outro, e assim eles



saem numa perseguição implacável ao motorista, mas como ele é muito fera mesmo, consegue zarpar. Mas num último gesto magnânimo de dar a vida por uma mulher meio sem graça, que nem transou com ele, e de seu filho também sem graça, ele liga para o chefe dos bandidos e marca um encontro para devolver a grana. Você vai se perguntar: prá quê??? É claro que ele morre nesse encontro final. O pior é que nem precisava morrer: bastaria fugir com a grana toda, mas preferiu tomar uma facada na barriga, e também deu outra no bucho do chefe dos bandidos, morrendo os dois, e o dinheiro ficou todo esparramado, para qualquer um pegar.

Mas o que mais me intrigou neste filme é que Ryan Gosling começa usando um palito na boca, para parecer descolado como um Humphrey Bogart ou um Clint Eastwood, mas só consegue mesmo manter uma cara de bobo e entediado durante todo o filme, e não se altera mesmo depois de tomar uma facada no bucho. E o palito desaparece lá pela metade do filme, deixando o público esperando a volta desse importante acessório caracterizador do personagem. Por hoje deu.



A vida a carregar a morte

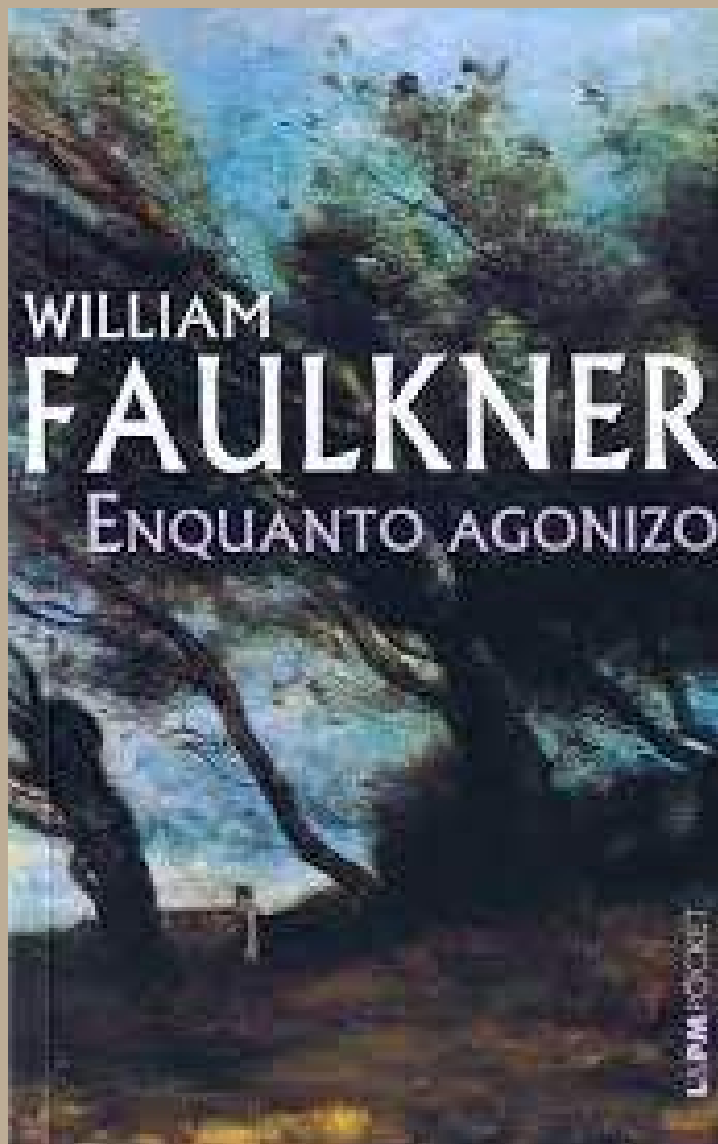
Jorge F. Isah

Faulkner é um dos meus autores prediletos. Descobri-o meio tardiamente, de uma demora protelada por quase três décadas, desde os tempos de estudante colegial envolto em outras leituras e escolhas não tão apropriadas, mas talvez necessárias para asfaltar a trilha imprescindível pela qual andaria às voltas com a literatura “faulkneriana”. Posto isso, digo ser um homem de preconceitos, especialmente com a escolha de títulos (salvo raras exceções), e nem sempre é um critério válido, mesmo o sendo aqui e acolá. Portanto, não gostei de ver abaixo do nome do escritor o título “Enquanto Agonizo”; pareceu-me banal e pouco criativo. Mas como estava equivocado...

“Enquanto Agonizo” é referência à Odisseia, de Homero, e pode-se encontrar elementos daquela peripécia nesta.

Em linhas gerais, encontramos todos os elementos da escrita de Faulkner: o fluxo de consciência à la James Joyce (sem o hermetismo); vários personagens como “vozes” na narrativa, muitas vezes se contradizendo uns com os outros, e as vezes consigo mesmo; poesia, tristeza, beleza, abandono, loucura, decadência, morte e uma transcendentalidade quase divina, mesmo sendo agnóstica, na qual Deus é questionado e nem sempre absolvido pelos desvios e pecados humanos. Assim como Adão e Eva tentaram desesperadamente escapular das consequências dos seus delitos lançando-os sobre Deus, boa parte dos personagens também esforça-se, à sua maneira, esquivar-se e impugná-los ao Criador... Ah, e o cenário também é o mesmo: o sul dos EUA, terrivelmente pobre e preconceituoso para brancos e negros, homens e mulheres, velhos e crianças, onde as condições e natureza humana estão em constante conflito, em toda a sua complexidade e, por que não, simplicidade também, igualmente vistos e preanunciados em “O Som e A Fúria”.

O enredo, aparentemente simples, está anos-luz de distância dessa afirmação. E outro ponto interessante é a neutralidade do autor em relação à história e as personagens, ou seja, não o vemos diretamente a criticar esse ou aquele, essa ou aquela atitude. Ele é tão somente o mensageiro, o porta-voz das suas criaturas, e não está nada disposto a interferir nas naturezas (se para o bem, se para o mal) das personagens, sem julgar ou analisá-las, sem se opor ou consentir, e deixá-las a si mesmas se expressarem em suas incongruências ou lógica, erros e acertos,



escolhas e destinos... talvez, por isso, seja tão difícil para Faulkner e tantos outros intelectuais e homens espalhados mundo afora o conceito do Deus pessoal. É mais interessante e familiar e cômodo um Deus impessoal, que criou e largou a sua criação ao “deus dará”, no caos, na babel progressiva (nada a ver com ideologia, mas com gradualidade), do que o Deus bíblico, que ama e cuida da sua criação, a despeito dos céticos e insensatos, que nada podem fazer para impedi-lo de ser como é, e fazer o que faz.

À sua maneira, Faulkner é o deus, o criador, a observar a sua criação sem qualquer senso moral, de justiça, ou sentencioso. Na arte isso é possível, especialmente se Deus é eliminado da equação e o resultado é algo anômalo e inexato. Ele observa a desordem, sem avaliação, sem juízo, e deixa ao leitor, caso queira, a posição de crítico. É tão simplesmente o descritor, levando à luz o bem e o mal ou o híbrido deles, sem se permitir ser ele quem irá apontar ou delatar este ou aquele, à direita ou esquerda, os probos e réprobos. Ao não tomar partido, resta-lhe o bom e velho contador de histórias, como poucos, apesar de muitos (graças a Deus!), se tornaram e imortalizaram-se em transmitir.

Ainda a se ressaltar, o estilo seco, consistente, denso no uso da linguagem, algo a me remeter ao estilo condensado e cru, e nu, de “Cormac McCarthy”, guardadas as devidas proporções e diferenças.

Os capítulos são titulados com os nomes dos narradores, as vezes curtíssimos, à medida em que se “toma pé” da história, por meio de suas falas heterogêneas, pontuadas também por pensamentos e descrições confusas e incompreensíveis, pois nem sempre o narrador saberá do que está a falar; entretanto, vai-se em um crescente, lento e gradativo, a se conhecer as personalidades individuais e o conjunto a fazê-las coexistentes em seus caracteres fragmentários.

Addie Bundren, a matriarca da família, está moribunda, sem esperanças, e da janela do seu quarto observa o filho mais velho Cash, descrito como excelente carpinteiro (na verdade a alma mais singela da trupe), construir o caixão¹. Entre marteladas, o barulho de serras, madeira cortada, desbastada pelo enxó, ela se depara, a cada arranjo, com o silêncio iminente em que sua alma e corpo penetrarão. Antes de partir, faz o marido, Anse, prometer-lhe realizar o último desejo: ser enterrada juntamente com os seus parentes em Jefferson, cidade a uma dezena de milhas de onde está.

Após a morte de Addie (ficou 10 dias em agonia²), e o caixão pronto, terminado quase no mesmo instante, como se a matriarca estivesse à espera da conclusão ou dos entalhes finais, começou a odisseia, o traslado até a cidade natal da mulher, onde seria enterrada. Neste ínterim, ocorrem incidentes a atrasar e quase inviabilizar a travessia, como a queda de duas pontes durante a enchente, as estradas intransitáveis, a perda da parelha de burros, o cansaço, o grave ferimento de Cash, as aves necrófagas a persegui-los, e a terra inóspita, descrita por Peabody, o médico: “Esta região tem um defeito: tudo, o tempo, tudo dura demais. Nossos rios, nossa terra: opacos, vagarosos, violentos. Modelando e criando a vida do homem à sua implacável e soturna imagem”³... Não é difícil imaginar a procissão fúnebre como um ato tresloucado, mas também uma epopeia com contornos de heroísmo.

1 Darl ao descrever as habilidades do irmão: “Addie Bundren não podia desejar um melhor que ele, nem um caixão melhor em que descansar. O caixão lhe dará confiança e conforto.” (pg 8)

2 A filha Dewey Dell afirma, na página 40: “Ela levou dez dias para morrer. Talvez ainda não saiba que já se foi”.

3 Página 31

Nesta tragédia repleta de sentimentos e sentidos, Faulkner traça mais uma vez o fim de uma era, a perda dos valores tradicionais, e o esforço quase inumano de alguns em tentar mantê-los. Enquanto Addie atravessa a morte com a convicção e esperança de descansar em solo nativo, junto ao seu povo (seria a rejeição do estado atual e a constatação de jamais deixar de ser o que fora um dia? De jamais pertencer aquele lugar?), o marido, Anse, titubeia, claudica, enquanto tenta satisfazer e preservar a todo custo o desejo da mulher do seu casamento. É a última oportunidade, derradeira, de talvez satisfazê-la e apresentar-se como guardião e mantenedor da relação de, talvez, ganhar alguma credibilidade e ser reconhecido em sua dedicação. Execrado e desprezado pela maioria das pessoas de sua relação, por ser fraco, egoísta e inútil, ele mostra-se obstinado, quase galhardamente a enfrentar qualquer oposição ao cumprimento da promessa, o voto do qual não poderia se esquivar ou escapar (um Quixote faulkeriano, pode-se dizer); mesmo tendo de enfrentar a si mesmo, a maior ameaça, ao se vitimizar e fazer-se pobre-coitado, onde as circunstâncias se lhe afiguram terrivelmente estorvos e flagelos e nada pode fazer para alterá-los, em seu fatalismo passivo e impotente. Este é apenas um dos contrastes nesta obra-prima de Faulkner.

E, após “Enquanto Agonizo”, a aflição não apenas antes da morte mas no decorrer e após ela, não há como negar a minha paixão, cada vez mais crescente com a escrita de Faulkner e todos os meios e entremeios tangíveis e intocáveis no qual se desenvolveu.

O que se pode dizer mais?... Leia, leia, e não deixe ler, é o meu conselho, quase um pedido... quase uma ordem...

Avaliação: (****)

Título: Enquanto Agonizo

Autor: William Faulkner

Páginas: 224

Editora: LP&M Pocket

Sinopse: “Neste romance, o autor distancia-se da aristocracia sulista americana para falar de gente comum e humilde, como a família Bundren, que se reúne para cumprir o último desejo da matriarca - ser enterrada em Jefferson, ao lado de seus parentes. O marido e os cinco filhos partem com o caixão determinados a cumprir seu objetivo, sem saber como essa viagem mudaria suas vidas.”



WhatsApp (31)98025.1010 - Telefone (31)3222.1010

MALDITO LACAN

(um conto de Michel Salomão)

Não fossem os acessórios femininos que ostensivamente exibia, era provável que passasse despercebido (e não desapercibido, como alguns poderão tentar corrigir) no meio da multidão. Fazia questão de usar uns colares femininos, com bolas enormes e coloridas, óculos de sol do tipo “tigresa” e um descomunal anel dourado com uma pedra vermelha, possivelmente, uma bijuteria, no dedo mínimo da mão direita. Mas a roupa era formal: camisa social um pouco suja e amarrotada, calça com bolso “faca”, de gabardine, sapatênis marrom. E as meias coloridas, com desenhos de bichinhos. Os cabelos eram bem grisalhos e a barba branca por fazer.

Foi ele quem se aproximou de nós. Como se recitando um poema, falou sobre o sol irradiante, sobre o calor humano do povo daquela cidade, denunciando a sua origem sulista, possivelmente, de Porto Alegre. Foi o que confirmou logo depois.

Apesar da figura exótica – reafirmo, se ele tirasse aqueles acessórios, pareceria uma pessoa normal, talvez um bancário, um contador, um cientista, um professor universitário substituto, mas só posso dizer que estava louco para saber o que ele fazia, ou se era um maluco que fugira do hospício e que estaria a vagar por aquelas bandas. Aquele seria o terceiro dia que o víamos rondando por ali, nos arredores da faculdade.

O horário do intervalo estava terminando e eu ainda teria que organizar as minhas matérias para o terceiro horário, ciente de que pegaria a turma mais chata daquela escola. Odiava meu emprego. Odiava. Trocaria por qualquer outra atividade que me pagasse a mesma coisa ou um pouco menos, mas havia escolhido aquela pro-



fissão logo que concluíra o meu curso; depois emendei com uma pós-graduação e um mestrado, e aí deu no que deu. O pior é que faltava muito tempo para me aposentar: uns 20 anos, ou quase isso.

Ele me perguntou se eu era professor – todos nós éramos, naquele grupo, que aproveitava o intervalo das aulas para comer um lanche corrido e falar mal dos alunos e da própria escola -, mas qual a razão de perguntar exatamente para mim?

Disse que sim, meio resabiado, e ele me perguntou se poderia assistir uma de mi-

nhas aulas. Levei uns 10 segundos para raciocinar, criando um clima constrangedor entre os colegas (que depois iriam zoar, com toda certeza) pois tentava buscar uma resposta negativa que não fosse monossilábica, mas acabei falando “tudo bem”. E lá fomos nós.

Apesar da esquisitice dos acessórios femininos, ele não tinha jeito de ser um ativista gay, tampouco parecia ser agressivo, mas se o meu prognóstico estivesse errado, e ele começasse a fazer “panfletagem ideológica” na sala, aquilo poderia complicar para mim, apesar da tendência daquela instituição, sempre protetora e incentivadora dessas manifestações “não conservadoras”. E eu nem era conservador porcaria nenhuma: queria apenas não me envolver em algum escândalo.

Ele entrou na sala logo atrás de mim, e os alunos acharam interessante. Risadinhas mal disfarçadas, cutucões, e logo começaram a fazer comentários não muito velados, e pude escutar algo como “deve ser treta do teacher”, “é a esposa dele”, “deve ser mais um professor maluco”, mas fingi não ouvir.

Comecei a aula falando sobre Lacan, e reconheço que estava realmente muito chato, mas aquele dia não estava muito inspirado nem para criticar o velho “gênio” com sua chatíssima “Ética” em seu odiável livro “O Seminário”. Mas, de repente, ele pediu a palavra. Sem saber o que fazer, concedi. E começou a fazer uma longa dissertação sobre a loucura. Falou sobre a moral, os costumes, as convenções sociais, ética, moda, religião, espiritualismo, política, economia, matrimônio, e os alunos ficaram totalmente entretidos, pois o discurso dele era bastante agradável, e aquele seu sotaque sulista soava muito bem aos ouvidos. Por fim, tirou o colar, o anel e os óculos e disse: vejam, agora sou uma pessoa normal. Os alunos o aplaudiram de pé.

Fiquei pensando se doravante eu teria que me travestir para tornar-me interessante para meus alunos, mas ele recolocou seus acessórios, apertou a minha mão e despediu-se despreocupadamente. Possivelmente, era

mesmo um louco. Um gênio louco. E eu um idiota. Um idiota preso a conceitos pré-fabricados, digeridos e regurgitados, passados pela instituição decadente, elaborados por algum burocrata do Ministério da Educação escolhido politicamente, e que jamais teria enfrentado uma sala de aula, mas ditava as normas do ensino no país.

Pedi demissão naquela mesma semana, peguei o meu carro e fui procurar inspiração naquela cidade fria, que de Alegre não tem nada, mas acabei retornando algumas centenas de quilômetros e firmei-me numa praia em Santa Catarina, onde montei um quiosque e depois de dois anos abri uma pequena pousada, que acabou dando certo. Estou aqui até hoje, ganho bem melhor do que receberia como professor, e nunca mais vou querer ouvir falar do maldito Lacan.



Torresmo, lama & cover

Isaach Monifa

Na última sexta feira, fui convidado para ir ao Festival do Torresmo em Enseada Pequena. O evento se realizaria no maior e único shopping da cidade. Eu não estava lá por conta da festa, mas para visitar uma tia que havia muito não encontrava. Sempre me fez convites, e à minha família, para passar uns tempos lá, mas desde pequeno eu mantive um certo assombro daquela parente. Tudo por causa de um ocorrido vinte e poucos anos antes. A história era contada em prosa e verso por todos, seja nas festas de aniversário, velórios, batizados e discussões acaloradas entre casais. Alguns chegavam a contar para os filhos pequenos, vestindo-a de feiticeira, bruxa ou fada, dependendo do grau de inveja, ojeriza ou admiração... Então, cresci imaginando-a trepada em uma vassoura, nariz pontudo e revirando um caldeirão fumegante de aranhas, escorpiões, ratos e coisas que nem conseguia imaginar.

Casada com um advogado proeminente, quando de uma viagem para visitar os pais, retornou antes do tempo, esperando fazer uma surpresa ao cônjuge. E foi mesmo uma grande surpresa, para ambos, ao pegá-lo com as calças curtas, ou melhor, sem as calças, em sua própria cama com a amante. Tendo sangue frio, tomou o celular e tirou foto de todos os ângulos, dele, da mulher, pelados, na cama, se vestindo, e por aí afora. Chamou a polícia e lavrou um boletim de ocorrência, alegando agressão psíquica e moral (foi uma das pioneiras a utilizar esse artifício legal, quase novidade por aqui) e entrou com o pedido de divórcio. Como ele era um eminente e famoso advogado, todos pensaram que seria moleza e ele ganharia facilmente a questão, pelo corporativismo reinante entre juristas, assim como existe entre técnicos de futebol, médicos, contadores e meretrizes. Cada um quer furar o olho do colega, mas quando a questão é de “classe” o apelo profissional e de sobrevivência fala mais alto: todos se ajudam mutuamente a fim de jogar a sujeira para debaixo do tapete.

A questão é que, por algum motivo, os pares do marido traidor, desde o início, se tornaram ferrenhos adversários. Não se sabe ao certo a razão, se por algum tipo de vingança, despeito, medo das próprias mulheres, ou um surto inesperado de justiça. O certo é que o processo se arrastou bem menos do que o esperado, e a titia arrancou quase tudo dele: todos os bens, 40% dos rendimentos mensais, deixando-o com um dos cinco carros importados e a roupa do corpo. Mesmo apelando para as instâncias superiores a sentença inicial foi mantida, e ele se viu desmoralizado publicamente, e seu escritório ia de mal a

pior. Ninguém se atrevia a contratá-lo, temeroso de se tornar perdedor assim como ele ou motivo de chacota. Não lhe restou outra saída a não ser fazer prova para a magistratura e ocupar o cargo de juiz em Setubinha. Então, visitar a tia era questão de honra, deferir-lhe o valor de ser a figura mais destacada da parentela fazia-se necessário, afinal, era a lenda da família.

Contudo, ela não é a razão deste texto (talvez não, talvez sim, vá saber!), mas falar da noite do “Torresmo Fest”, no Shopping Boulevard Costa. Para início de conversa, eu odeio shoppings e aglomerações. Muita gente me faz sentir o quanto sou abençoado por ter apenas cinco filhos e esposa, além de três gatos. A paz no lar, por mais barulhenta, é infinitamente menos tóxica e selvática do que qualquer ajuntamento com mais de dez estranhos. Aprendi, desde cedo, a me afastar dos grupos, gangues, turmas e bandos, e talvez a minha relutância obstinada em assistir à filarmônica, palestras ou cultos ecumênicos venha de algum trauma infantil. Vai que um dos presentes é terrorista ou suicida (pior se for ambos) e teima em levar alguns com ele para o inferno, não quero estar por perto... e nesses lugares sempre tem um ou mais tagarelas a insistir em travar contatos e descrever suas vidas como se estivessem num interrogatório criminal ou em uma consulta médica: sabe-se de todos os detalhes, muitos sórdidos, outros inventados e exagerados, ainda aqueles ocultos, simplesmente por lhes ser impossível manter a boca fechada. E quando fofocam, a coisa fica ainda pior, tão bizarra que o ímpeto de esganar o falastrão só não se concretiza porque existe a chance de ele sobreviver e testemunhar no tribunal de acusação com o dobro, o triplo das palavras... nenhum júri suportaria.

Entretanto, como um dos primos, filho da tia, insistiu muito, mas muito mesmo, e fiquei sem jeito de recusar, acabei por ir. Coloquei uma calça caqui, uma camiseta branca e um tênis branco combinando com a camiseta, claro!, e lá fomos. Antes, ele me perguntou:

- Vai assim? – Apontou para a roupa impecavelmente limpa e passada.

- Sim, por quê?





- Por nada... – Disse; mas senti uma pontinha de sarcasmo na voz.

Descobri, ao chegar, que a coisa ocorreria no estacionamento, então pensei: melhor assim, será mais fácil cair fora! Ao chegar na área, percebi uma iluminação deficiente e um tipo de gramado onde, literalmente, me atolei até os joelhos. A grama flutuava no alagado. Ao me deparar com a situação, tive um ataque de histeria, pois os meus calçados brancos estavam submersos no barro.

- Mas que merda!!! – Disse em alto e bom som, enquanto as pessoas em volta riam, cochichavam e pensavam: que mané!



O primo, se não fosse pela tia eu o teria surrado ali mesmo, apontava para mim sufocando-se a cada gargalhada. Atolado, desnortado e enojado, olhei os pés alheios e pude vê-los calçados de chinelos e botinas; ou seja, eu era o único que parecia mais por fora do que dedão de franciscano, quase uma aberração, naquele lugar... Finalmente desatolado, não sem ser ainda mais ridicularizado pelo primo e seus amigos, estava impregnado de barro um palmo acima dos tornozelos. Não tinha como ficar daquele jeito.

- Vamos para casa! – Falei, meio emburrado.
- Que nada! A festa nem bem começou... – De novo, o sotaque cínico.
- Não posso ficar assim... deste jeito...
- Não esquentar! Ninguém vai importar.
- Mas eu me importo.
- Toma as chaves do carro – E colocou-as na minha mão.
- Sabe que não dirijo...
- Então, me devolve! – Soltou um riso estridente e jocoso.
- Ah, vá... – Mas não completei.

Fui até a entrada principal do Boulevard e pedi um Uber. Quando chegou, o motorista, ao me ver enlameado, arrancou o carro e caiu fora. Tentei por duas vezes, mas deviam ter uma rede de informações, e ninguém quis me atender mais.

Comprei duas garrafas de água mineral, fui ao estacionamento e pensei em todas as formas de limpar as barras da calça e os tênis. Mas a lama estava dura, incrustada, e não quis sair por nada deste mundo; encostei-me no carro do primo e esperei...

Fiquei ouvindo ao longe o cover do Queen, a sentir o cheiro de torresmo e o céu nublado anunciar um aguaceiro. Torci fervorosamente pelo temporal, a desabar sobre nós, assim eu me vingaria da humilhação e teria a chance de tirar, nem que fosse um pouco, a lama, além de ir embora mais cedo. Tudo parecia conduzir ao espetáculo climático, mas à medida que os minutos passavam, o céu se abria e dava para contar os bilhões de estrelas cintilantes. Até a Lua deu o ar da graça, para a minha desolação. O complô estava instalado, eram céu, terra, torresmo e rock a me fazer parecer um porco largado na própria sina... ah, que se dane!

Entretive-me com os pensamentos, a sonhar com tênis novos, calça nova, e um processo de indenização ganho da prefeitura de Enseada Pequena, além de, na sentença, o juiz proibi-la de realizar qualquer show ou espetáculo.

Foi quando saí do transe, ao sentir algo quente nas pernas: um vira-latas acabara de marcar território nelas.



VIAGEM AO FIM DO POÇO

Guido Malaparte

A humanidade tem se especializado cada vez mais em superar todas as bizarrices possíveis e imagináveis, a título de diversidade, multiculturalismo, tolerancianismo, autossuficientismo, porcariarismo, igualitarismo, e uma série de sinônimos nunca aplicados mas sempre ansiados, como um fetiche, mais necessário à vida de certas pessoas do que o próprio oxigênio... Por falar nisso, não estranhe se, em um futuro próximo, os “engenheiros sociais” obrigarem as pessoas a utilizar cilindros de gás meio a meio, metade de oxigênio e outra metade gás carbônico, pois seria preconceito e injustiça ao Co^2 ter uma parcela não igualitária no ar que respiramos.

Enquanto isso, os mesmos “construtores” se deliciarão com cada vez maiores porções de O^2 , para os seus deleites (com margens de lucro estratosféricas), e escárnio do restante dos mortais.

Assim funciona o mundo: em nome de reparações às minorias, faz-se injustiça com a maioria, seja ela de qual cor, etnia, classe social, sexo ou outro muro erguido em nome do bem-estar e de uma isenção sempre parcial. No fundo, é uma luta pelo poder, onde boa parte é apenas massa de manobra, a espalhar um discurso sem plexo ou nexos enquanto a elite (seja intelectual, política, militar, sindical ou simplesmente hormonal) se esbalda em luxos, prazeres e controle das massas. Tendo o estado por sócio ou padrim.

Não se iluda! Existem mais camadas intocáveis e intocadas nessa trama do que se pode imaginar ou conceber e, por esse motivo, nenhum questionamento é permitido ou sequer avaliado, com pena de se transformar em teoria de conspiração ou, mormente, gerar risadas histéricas, deboche e cinismo.

Todas as coisas devem ser colocadas no mesmo saco, balançadas e o que sair não se pode lançar dúvidas ou questionar, desde que o recipiente contenha apenas e tão somente os valores elencados e formatados do politicamente correto ou stabliment.

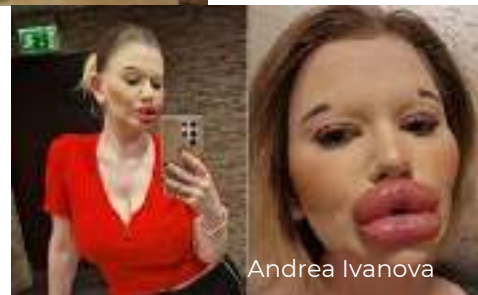
Mas, voltemos às bizarrices e quebras de recordes. Você conhece a mulher que tem os maiores lábios do mundo? Ela já fez trocentas cirurgias plásticas para ter verdadeiros colchões de silicone na boca; se chama Andrea Ivanova. E o brasileiro que consegue projetar os olhos 18 cm para fora das órbitas? Chama-se Sidney Carvalho, e está no Guinness. E o americano que durante 50 anos comeu um Big Mac por dia? Chama-se Donald Gorske e, pasmem!, ainda não sofreu um infarto. E o que dizer de Michel Lotito? Ele chegou a comer um aeromodelo de metal entre ou-



Sidney Carvalho



Donald Gorske



Andrea Ivanova



Luck Rich

tras bugigangas indigeríveis. A lista vai aumentando e aumentando e aumentando, quase sem fim. Essas são algumas das coisas mais esdrúxulas realizadas, entre inúmeras outras no decorrer da história, e não vejo ninguém propor uma maneira de impedi-las; por quê?

Não estou a defender a censura ou o não direito à liberdade individual, não é isso. Mas, por que raios em muitos países é proibido se falar de Cristo e não de Mohamed? Pode-se louvar Mao, Fidel e Stálin e nenhuma palavra emitida sobre Paulo, João, Pedro e Tiago? Por quê criticar certas pautas progressistas é crime e pecado, enquanto se mata bebês, destrói-se reputações, ataca-se a infância e os pais são meros pagadores de contas e impostos? Se Lucky Rich pode tatuar 100% da sua pele e Nilanch Patel, quando adolescente, tinha o maior cabelo do mundo: 1,70 m; por que dizer, pensar, cogitar, especular, aconselhar, que o Parenthood é um abatedouro humano, e uma mulher foi presa por orar silenciosamente próxima a uma clínica de aborto, é pecado?

São tempos difíceis, como dizia o apóstolo Paulo...

Enquanto isso, os impostos subirão, o dólar subirá, os benefícios e privilégios das poucas mas barulhentas castas brasileiras e mundiais subirá, e você e eu, cada vez mais, não teremos outra coisa a fazer senão pensar: onde fica o fundo do poço?...

E nem posso ajudá-lo, pois ainda não cheguei lá!



e tão somente o hiato, a lacuna, o vácuo da película.

Não acrescentarei mais detalhe ou o final, para não ser o desmancha prazér do corajoso a arriscar-se em assistir tamanha droga. E ver o Michel C. Hall como Brad, o patriarca, só me deu saudades do tempo em que interpretava “Dexter”. Ah, existe ainda outra história paralela, de uma garotinha, Lily, abandona-

O título em português, pomposo e sem significado, ficou “Um lugar secreto”, mas em bom macarronês traduz-se: “John e o buraco”. Esta é a trama do que a mídia considerou um suspense psicológico, mas eu acrescentaria, ou melhor, definiria como masoquismo psicótico. Em linhas gerais, o filme se resume a isto: John, um adolescente de 13 anos, deslocado como a miríade de milhões de adolescentes inconvenientes mundo afora, e um buraco, um bunker.



Filho de pais ricos, a morar em uma casa confortavelmente instalada em uma floresta, com todos os confortos e tecnologias disponíveis, juntamente com a irmã mais velha; John é inseguro, curioso, atrapalhado e desconcertado. Seu olhar distante e frio, sem emoção, perpassa toda a película. Vive da estupidez etária e parece buscar um sentido ou razão para a vida. Eis que, do nada, descobre nos arredores da casa um bunker inacabado, e maquina um jeito de transpor os seus entes queridos para lá, após perguntar ao pai a razão de se construir aquilo e ouvir: para se proteger de... uma tempestade, de um ataque da natureza. Neste momento, elabora o plano e leva a família para o tal buraco.

Segue-se, em curso, situações descabidas, irreais, onde a melhor amiga da mãe, a polícia e o jardineiro, afastados da residência com farrapos de desculpas adolescente, parecem enxugar gelo o tempo todo. Ninguém entende a gravidade da situação, com o sumiço da família e a presença desgovernada e aleatória do filho na casa.

Também, não existe uma explicação plausível para a atitude de John, mesmo que doentia, vingativa ou alucinada. Fica-se a ver navios. O filme é um emaranhado de acasos, a deixar o espectador perplexo no seu vazio. Talvez o buraco simbolize apenas

da pela mãe, com o “argumento” de já ter 12 anos e ser necessário assumir-se adulta.

Entre idas e vinda, parece haver duas mensagens: a primeira, ligada a John, de se pensar um milhão de vezes antes de ter um filho. Quanto a Lily, seria melhor não ter nascido ou ter uma mãe. Quanto aos pais, Lily não sabe onde está o seu, e John tem de conviver com a covardia passiva e indulgente de Brad.

Ao final, ficou-me a impressão de não haver uma lixeira suficientemente apropriada para se jogar “John and the hole”... Nenhum buraco merece tanta porcaria.



CRENTE

por Michel Salomão

A CONSCIÊNCIA DO PECADO

Já me disseram que quem tem pecado não vai para o céu. Também me disseram que Jesus morreu na cruz para nos salvar, perdando todos os nossos pecados. Quer dizer então que agora podemos pecar à vontade? Eba! Mas que pena: não é bem assim. Sempre que pecarmos, precisamos pedir perdão. Quantas vezes poderemos pedir? Sete vezes? Setenta vezes sete? E como saberemos o que é e o que não é pecado?

Podemos começar por aqueles que estão nos Dez Mandamentos? "Não cultuar outros deuses além do único Deus; não fazer para si nenhum ídolo ou imagem de qualquer coisa que seja, da terra, da água ou do ar, e nem lhe prestar culto; não tomar em vão o nome do Senhor; guardar o sábado, que é o dia do descanso; honrar o seu pai e a sua mãe; não matar; não adulterar; não furtar; não prestar falso testemunho; não cobiçar a casa, a mulher, os empregados, os animais ou qualquer coisa que não nos pertença".

Esta seria somente a base. Existem centenas de outras regras que estão presentes em nossas sociedades, sendo que todas elas estão contidas no Velho Testamento. A maioria delas foram compiladas nas chamadas "Leis Mosaicas" (estabelecidas por Moisés), uma significativa parte relativa a rituais e orientações sobre invasões e guerras entre os povos da época, envolvendo sacrifícios de animais e penas de morte, coisas que não valem mais.

Porém, espertamente, os "homens da lei" modernos, grandes intérpretes da Bíblia, resolveram revogar tudo, e disseram que a ordem foi dada por Jesus, ou por Paulo, seu discípulo, e saem citando um monte de **versículos revogatórios**, como se fossem espertos advogados, tentando justificar os seus próprios pecados.

Perguntado sobre qual seria o maior mandamento, Jesus disse: "Ame o Senhor, o seu Deus, de todo o seu coração, de toda a sua alma e de todo o seu entendimento. Este é o primeiro e maior mandamento. E o segundo é semelhante a ele: Ame o seu próximo como a si mesmo. Destes dois mandamentos dependem toda a Lei e os Profetas".

Para quem não sabe, "A Lei e os Profetas" era o nome dado ao Velho Testamento, que Jesus obedecia, onde constava a profecia de sua vinda, de sua morte e de sua ressurreição. **Jesus disse que não veio para abolir as leis**, "mas para dar-lhes pleno cumprimento. Em verdade, eu vos digo: antes que o

céu e a terra deixem de existir, nem uma só letra ou vírgula serão tiradas da lei, sem que tudo se cumpra".

Tem gente que sustenta que, com a morte de Jesus, caíram em desuso o sacrifício de animais, os rituais do Tabernáculo e a obrigatoriedade de circuncisão dos meninos, no 8º dia, e está correto. Essas práticas civis e ritualísticas foram realmente abolidas. Mas essa mesma gente aproveitou para revogar, por conta própria, todo resto, inclusive, alguns dos Dez Mandamentos. O descanso do sábado foi alterado para o domingo (por ordem de um Rei que era pagão); adulterar agora pode; matar bebês inocentes no ventre da mãe que não os planejou, pode; roubar (principalmente no Brasil), pode; cobiçar o que é do outro, prestar falso testemunho, cultuar outros deuses e ídolos, usar o nome de Deus em vão... está tudo liberado!

Podemos deduzir que, com tamanha liberalidade, também teria sido revogada a obrigatoriedade da devolução dos dízimos e as ofertas, pois isso nem constava dos mandamentos. Tenho a certeza de que, neste ponto, muitos religiosos vão brigar comigo. "Que absurdo! Desses valores depende o funcionamento das igrejas, os salários dos líderes religiosos e uma pequenina parte ainda é destinada aos necessitados, que também somos nós", dirão eles.

Afinal, de onde vem a consciência dos pecados? Dos costumes de cada sociedade que se transformaram em Leis. Existem sociedades que toleram a pedofilia, a poligamia, a bestialidade, a usurpação de propriedades, de cônjuges e até de filhos. Para esses grupos, tudo isso é normal. Ao buscarmos evangelizar esses povos, qual a referência de pecados precisaríamos passar para eles? A Bíblia, obviamente! Mas não está tudo revogado? Segundo esses intérpretes, as leis não estariam, doravante, gravadas no coração dos cristãos? Ou seja, virou crente, virou santo, vai arrebatado, direto para o céu. Então para quê precisamos estudar este livro enorme, com letras minúsculas e linguagem difícil de entender? Para quê irmos às igrejas, nos ajoelharmos, fazermos caras de sofrimento entre jejuns e vãs repetições, nos despojarmos no chão e orarmos até quase a histeria? Para quê?

Deixe-me explicar só uma coisa: revogada foi aquela cobrança doentia dos judeus com relação aos pecados alheios, baseados na Torá (Velho Testamento). Agora quem irá julgar é Jesus, assentado ao lado do trono de Deus.

MÚSICAS QUE MARCARAM ÉPOCA

Neste número, faremos a tradução da música "Pau que nasce torto", sucesso dos anos 1990, cantada pelo famoso grupo de pagode "É o tchan", da Bahia, conhecido por suas letras de cunho filosófico, que lançou hits como "Na Boquinha da Garrafa", "Pega no Bumbum" e "Ralando o Tchan", que definitivamente revolucionaram a MPB com os seus sucessos



PAU DE NASCE TORTO

"Pau que nasce torto
Nunca se endireita
Menina que requebra
A mãe pega na cabeça
Pau que nasce torto
Nunca se endireita
Menina que requebra
A mãe pega na cabeça"

Não sabemos exatamente a qual espécie de madeira o compositor estava se referindo, possivelmente ao Pinus, um tipo muito maleável, muito usado na confecção de objetos decorativos e alguns móveis feitos pela Tok & Stok para durar alguns poucos meses. Mas fica difícil imaginar a cena de uma menina requebrando sem parar e mãe segurando em sua cabeça, deduzimos, com a intenção de contê-la. Talvez a menina sofresse de epilepsia e a mãe, possivelmente, com medo de uma queda, tentava impedir que se machucasse.

"Domingo ela não vai
Vai, vai
Domingo ela não vai não
Vai, vai, vai
Domingo ela não vai
Vai, vai
Domingo ela não vai não
Vai, vai, vai"

Será que o compositor estava dizendo que a menina iria à igreja? Primeiro ele fala que ela vai, vai, vai; depois fala que ela não vai, não, não, não vai. Possivelmente, a menina estava buscando um templo para se livrar

da doença, a epilepsia, e aproveitaria para confessar os seus pecados e mudar de vida, mas parece que alguém não estava deixando. Talvez o demônio a estivesse impedindo.

"Segure o tchan
Amarre o tchan
Segure o tchan tchan tchan
Tchan tchan"

Contudo, pudemos concluir, conforme o movimento pélvico das dançarinas, esse tal "tchan" só pode ser aquele objeto que não se desentorta, a que se refere a primeira estrofe. Mas nada que um bom urologista não possa fazer, recorrendo, se necessário, a uma tala, com a utilização de faixas ou gesso.

Mais tarde, a tal menina há de substituir esse acessório carnal por uma garrafa, colocada estrategicamente no chão, com o gargalo para cima, e sob ela fará movimentos pélvicos de forma ritmada, o que

será imitado por milhões de outros brasileiros, causando incômodos acidentes, com muita gente indo parar nos hospitais, para a retirada da garrafa entalada.



Carla Perez



Jacaré

"Tudo que é perfeito
A gente pega pelo braço
Joga ela no meio
Mete em cima
Mete embaixo
Depois de nove meses
Você vê o resultado"

Agora não há mais dúvida que a letra tem uma implícita conotação sexual, com possível emprego de violência, pois o autor da música sugere pegar à força a menina perfeita – se for menor de quatorze anos, é crime - lançando-a no meio de uma cama, e a atacando ferozmente em cima e em baixo (para a sorte dela, se esquecendo da parte de trás). Ele diz que depois de nove meses você vê o resultado, mas é muito antes disso: com três ou quatro meses, fica difícil disfarçar o volume da barriga. E repete o refrão a seguir)

"Tudo que é perfeito
A gente pega pelo braço
Joga ela no meio
Mete em cima
Mete embaixo
Depois de nove meses
Você vê o resultado
Depois de nove meses
Você vê o resultado.

Segure o tchan
Amarre o tchan
Segure o tchan tchan tchan
Tchan tchan".



O grupo era formado originalmente por Compadre Washington e Beto Jamaica (foto ao lado), além dos dançarinos Carla Perez, Débora Brasil e Jacaré. Mais tarde, Débora Brasil foi substituída por Sheila Carvalho e Sheila Mello entrou no lugar de Carla Perez.

A menina continua dançando normalmente, como se não estivesse sendo forçada, e ao final podemos compreender que se trata de uma prática sadomasoquista, mais especificamente a "bondage", com a utilização de cordas e outros tipos de acessórios. Coitada da mãe da menina, pois de nada adiantou segurar em sua cabeça. Tempos depois essa mesma menina foi vista dançando na boquinha da garrafa, causando um grande furor no país.

Beto Jamaica também deixou o grupo por um tempo e em seu lugar entrou Renatinho da Bahia e depois Tony Salles, que acabou se casando com Sheila Carvalho, a famosa morena do Tchan. Carla Perez fez uma operação de transplante de cabeça e virou outra mulher, e se casou com o pagodeiro Xanddy, que canta quase que as mesmas coisas de conteúdo filosófico, como seu grupo, a "Companhia do Pagode". E a vida segue.



Sheila Mello

Cantinflas

uma profusão de risadas

Guido Malaparte

Mario Fortino Alfonso Moreno Reyes é praticamente desconhecido da cena mundial. Nascido em 1911 e falecido em 1993, é, contudo, mundialmente famoso pelo apelido “Cantinflas”, um comêico notável e celebrado como não somente o maior humorista mexicano, mas um dos maiores de todos os tempos. Charles Chaplin disse, certa vez, que Cantinflas era o melhor humorista vivo; mas, mesmo morto, pode ser facilmente incluído no panteão dos mais ilustres e geniais comediantes de todos os tempos.

Nascido de um carteiro e uma dona de casa, que tiveram no total oito filhos, na Cidade do México, cresceu no bairro violento e pobre de Tepito, e venceu os inúmeros obstáculos da infância com sagacidade e astúcia, necessárias para não sucumbir aos reveses diários. Tudo isso o ajudou a formar e amadurecer o conceito do seu personagem.

Na adolescência, abandonou os estudos para se juntar a um grupo itinerante de artistas “mambembes” onde foi bailarino, acrobata, cantor e mímico. Pouco tempo depois, entrou para um grupo de teatro de variedades, onde começou a desenvolver os traços do personagem Cantinflas, que estrearia em 1936 no filme “No te Engañes Corazón”, e por ele o caráter comêico que o identificaria como ícone das comédias e o reflexo do homem do povo, o mexicano pobre, atabalhado, desastrado e confuso. Evidente, para os politicamente corretos, não confundir reflexo com representação, pois o humor trabalha com elementos reais de maneira não a serem retratados como são porém de maneira hiperbólica, as vezes grotesca, exagerada, farsesca, bufarinheira. No caso de Cantinflas, ele é o anti-herói, ou melhor, o herói improvável que derrota os seus adversários ricos e poderosos, a polícia e o governo por meio de trapagens e malícia, em meio a embaraços e muita confusão.

Assim como Chaplin fez com o seu “vagabundo” (e ele foi uma das grandes inspirações para Moreno; ambos eram satíricos sociais), levando multidões a deliciarem-se com suas aventuras, pois a capacidade de rir de si mesmo e do outro é um dos “truques” para entender o seu tempo e suplantá-lo (naquilo em que é necessário superar, pois nem tudo tem de ser alterado ou eliminado simplesmente por existir), Cantinflas, com suas calças largas quase caindo, o lenço atado ao pescoço, o bigodinho fino à mostra apenas nos cantos da boca, e o chapéu; a forma de



falar atarantada, desconexa e carregada de expressões populares e sotaques típicos do México, eram suas marcas principais, capaz de torná-lo um verdadeiro herói no mundo hispânico, em primeiro lugar, e, depois, sucesso mundo afora.

Concorreu ao Oscar de melhor ator coadjuvante pelo filme “A Volta ao Mundo em 80 Dias”, baseado na obra de Jules Verne, contracenando com o multipremiado ator inglês David Niven. Sua carreira durou mais de 50 anos, em dezenas de filmes, cujo auge da carreira foram as décadas de 1950 e 1960.

Quanto a origem do nome, Cantinflas, existem muitas hipóteses, mas o próprio Mario Moreno encarregava-se de confundir ainda mais a curiosidade alheia; desconversava ou emitia respostas ininteligíveis, a trazer mais frenesi à questão. Ao seu jeito, não perdia a oportunidade de rir e deixar perplexo os interessados. Sabe-se entretanto que ele criou o nome para não ser descoberto pelos pais, nada amistosos em ter um filho ator.

Casou-se em 1936 com Valentina Ivanova Zubareff, de origem russa, e permaneceu casado até a morte da esposa, em 1966. Teve um filho fora do casamento, em 1961, e Valentina o adotou.

Retirou-se do cinema em 1982, sempre a ajudar novos artistas a desenvolverem-se. Era conhecido por sua generosidade e filantropia, auxiliando financeiramente diversas instituições humanitárias, especialmente em seu próprio país.

Morreu em 1993, na Cidade do México, mas deixou um legado possível de ser apreciado ainda hoje e no futuro pois, a despeito da falibilidade humana, Cantinflas é imortal.



A VERVE SAPIENCIAL DE TIRIRICA

Jorge F. Isah

Certamente você já ouviu falar do Tiririca. Se não ouviu, deve ter visto. Se não viu, deve ter imaginado. Se não imaginou... bem, você é um caso sem solução, e estamos conversados!

Mas quem é o personagem?

Cearense de Itapipoca, ganhou o apelido da sua mãe, pois o menino tinha uma personalidade forte e vivia zangado, do tipo “ele anda tiririca da vida”. E todos em sua cidade natal passaram a conhecê-lo assim, e quase ninguém sabia o seu nome verdadeiro: Francisco Everaldo Oliveira Silva.

Começou na música, apresentando-se em barracas no litoral cearense ou, como muitos chamavam, cirquinhos (diminutivo de circo, para os não entendidos). O sucesso era tanto, com suas músicas de letras dúbias e a apelar para os múltiplos problemas relacionados aos sexos (traição, cornice, malandragem e pouca-vergonha; sempre de maneira jocosa e engraçada) que os barraqueiros da região se cotizaram e arrecadaram o suficiente para lançar as primeiras 1.000 cópias do CD de estreia. Daí em diante, foi o estrelato. Primeiro, no Nordeste, depois, em todo o Brasil.



Por volta de 1997, o sucesso musical estava em declínio e Tiririca, já um artista consolidado no mainstream nacional, estreou um programa de comédia na extinta Rede Manchete. Então, ir para a política foi um pulo, tornando-se um dos cinco deputados federais mais votados em todos os tempos (e o mais votado naquele pleito), quando se elegeu por São Paulo, em 2010.

Quase não pode assumir o cargo, não por causa de desvios de caráter, imoralidade, vigarice e improbida-

de, mas por causa dos seus bordões e críticas ácidas ao Congresso Nacional e ao poder público. Não lhe foi exigido qualquer “nada consta” de débitos, certidões negativas de condenações ou processos judiciais, ou fazer parte do “Ficha Limpa”, pois isso escancararia e faria ruir os frágeis, precários e corroídos alicerces das instituições do país.



Nesse ínterim, os agentes públicos mal-humorados, implacáveis e malemolentes, denunciaram-no ao Ministério Público Eleitoral, pedindo a sua cassação por ofensas sistemáticas aos poderes intuídos. Quase concomitante a esse ato, uma revista de circulação nacional (onde estará? Ninguém viu ou sabe mais) denunciou-o por analfabetismo, o que o impediria de assumir no Congresso. A ideia era: bem, se não podemos suprimir os mais de 1 milhão de votos, vamos condená-lo por incapacidade cognitiva e intelectual, além de falsificação. Assim se fez.



Em meio a idas e vindas, “disses-me-disses”, tentativas de todos os lados para se armar uma arapuca legal, o “palhaço”, como a maior parte da imprensa se referia a ele, teve de, por fim, fazer um teste fundamental: ler determinado trecho escolhido pelo procurador e escrever um ditado. O que não é minimamente exigido de um aluno no ensino médio e na maioria dos cursos universitários, Tiririca teve de se submeter. Afinal, não falta corrupção, fraudes e velhacaria nas estancias públicas, mas analfabetismo é imperdoável, inaceitável, inconcebível... um crime de lesa-pátria.

Estava evidente o incômodo daquela eleição, pois o país expunha-se tal qual era e é: um circo mambembe, de lona puída e remendada, a revelar a sua ordinariedade. Se o “Casseta e Planeta” promoveu o “Macaco Simão” à Prefeitura do Rio de Janeiro (famoso pela grosseria e atirar fezes ou o que estivesse à mão nos visitantes do Zoo), e caso fosse oficializada pelo TRE, seria um verdadeiro desastre (teve mais de 400 mil votos); se no Ceará, o Bode 90, concorreu à prefeitura de uma cidade do interior, e o Mosquito da Dengue ganhou as eleições em Vila Velha, ES, Tiririca deixava à mostra o quão bestial podia ser a cena política nacional.

Por fim, depois de várias tentativas de impugnação, o juiz entendeu que Tiririca “tinha certa dificuldade em escrever, mas a limitação era irrelevante porque a Justiça Eleitoral só considera inelegíveis os analfabetos absolutos, e não os funcionais”... Imagina: não seria um tiro nos pés?



O caso ainda foi parar no STF, mas o “palhaço” já havia sido diplomado e assumira a vaga de deputado federal. Foi aplaudido pela galeria do plenário. Todavia, como a maioria dos políticos, aprendeu logo os “macetes” do cargo, e empregou dois amigos como assessores, com remuneração de 8 mil reais, em 2011, sem a necessidade de cumprir funções específicas e horários, uma espécie de gratificação por companheirismo. Mas isso não é lá alguma exceção à regra parlamentar.



Hoje, foi reeleito em mais um mandato de deputado federal, não com os assombrosos mais de um milhão de votos de 2010, mas permanece a figura simbólica e também folclórica de um país marcado pelo analfabetismo (especialmente o funcional), pela pobreza e simplicidade das pessoas, e que se diz levar a sério mas não passa de uma piada pronta, as vezes hilária, as vezes tragicômica, na maior parte do tempo fatídica e sombria.

Ele está muito mais comedido, sem o carisma do personagem e o sincero escárnio aos seus pares legislativos. Talvez, por isso, seja uma figura quase invisível, e na última eleição amealhou pouco mais de 70 mil votos. Não é pouco, mas está longe das dezenas de milhares do passado.

Com seu jeito irreverente, faceiro, e um certo “atrevimento ingênuo”, conquistou crianças e adultos, com a sua espontaneidade, deboche e um tipo de maneirismo acidental, quase natural.

Tiririca é o retrato do Brasil, e como ele mesmo diria: “o Brasil é o retrato do Tiririca”. Se não fosse assim, onde estaria a graça, não é?

Ah, e nenhum lugar é mais propício para ele do que o Distrito Federal, mormente, o Congresso.



AFORISMOS DO TIRIRICA

(PARECE BRINCADEIRA, MAS É SÉRIO)

“Feliz é aquele que não é triste.”

“Se você parar pra pensar, você pensa parado.”

“Não importa onde você esteja, você sempre estará lá!”

“Muitas vezes tentei fugir de mim, mas aonde eu ia, eu tava.”

“Pior do que tá não fica, vote Tiririca.”

“Quando eu falei que “pior que está não fica” não sabia do potencial da Dilma.”

“A Câmara é uma fábrica de loucos.”

“Você sabe o que faz um Deputado Federal? Na realidade eu também não sei, mas vota em mim que eu te conto.”

“Jamais esquecerei das coisas que me lembro!”

“Cansado de estar cansado porque estar cansado é cansativo.”

“Eu já construí muitas escolas, era servente de pedreiro!”

“Uma coisa é certa... Se não é verdade é mentira.”

“Eu quero ser deputado federal para ajudar os mais necessitados, inclusive a minha família...”

“Se tem uma coisa que acaba com meu dia é a noite.”

“Homem dá tanto trabalho que nenhuma mulher deveria ser considerada desempregada.”

“A preguiça é o melhor dos 7 pecados pois ela te impede de cometer os outros 6.”

“O amor é lindo! As vezes o casal que é feio.”



curiosidades

MUITO CURIOSAS

Pessoas que comem chocolate amargo têm menos probabilidade de ficarem deprimidas, conforme um grande estudo.

O bicho que tem o veneno mais potente do mundo é o caracol-do-cone (*Conus geographus*), que habita a costa australiana.

O maior cachorro de todos os tempos foi um dogue alemão chamado Zeus que viveu em Otsego, no estado americano de Michigan. Em quatro patas, o bichinho chegava a 1,12 metros. Em duas patas, 2,26 metros e pesava: 70,3 quilos! Ele morreu em 2014 com 5 anos de idade.

Se você tentar suprimir um espirro, poderá romper um vaso sanguíneo na sua cabeça ou pescoço e morrer.

Nos Estados Unidos, existem mais casas vazias do que moradores de rua.

Os quadrinhos do Pato Donald foram banidos da Finlândia, porque ele não usa calças.

Quando criança, Adolf Hitler queria ser padre. Além disso, ele também sofria de Ailurofobia, que é o medo de gatos.

Um milhão de Terras caberiam dentro do Sol.

Segundo o Guinness, o homem mais alto da história foi o norte-americano Robert Wadlow. De acordo com a última medição, efetuada no dia 27 de junho de 1940, Wadlow tinha 2,72 m e calçava algo em torno de 76.

Com 38,5 milhões de pessoas, Tóquio, no Japão, é a maior egião metropolitana do mundo, ficando 4 milhões à frente de Jacarta, na Indonésia. São 4.700 pessoas por km².

Um elefante africano, por exemplo, dorme apenas 3,3 horas em média por dia. Um dos animais que menos dormem no mundo é a girafa: 1,9 horas/dia

O tatu-canastra é o animal que mais dorme por dia. São 18,1 horas em média, o que equivale a 75,4% de 24 horas. Se você de vez em quando acha que dormiu demais, lembre-se do tatu canastra.

Se todas as pessoas do mundo vivessem conforme um habitante médio dos Estados Unidos, seria preciso recursos de 4,5 planetas como o nosso.

Os gatos não conseguem sentir sabores doces.

Os pássaros-lira são famosos por sua capacidade de imitar qualquer som que ouçam. Por exemplo, o choro de um bebê, os gritos de um macaco, o alarme de um despertador e até os barulhos que fazem uma máquina de construção.

O número de pessoas vivas hoje representa 6,5% do número de pessoas que já nasceram desde que o ser humano existe.